

FESTA EM LOUVOR AO DIVINO PAI ETERNO 2022

TRADICIONAL FESTA EM LOUVOR AO DIVINO PAI ETERNO

24 DE JUNHO A 3 DE JULHO | TRINDADE-GO



ROMARIA 2022

PAI ETERNO, FAZEI NOVAS TODAS AS COISAS

†TEMÁRIO†



TEMA GERAL: †PAI ETERNO, FAZEI NOVAS TODAS AS COISAS†

Após dois anos, voltamos a celebrar presencialmente a nossa Romaria em louvor ao Divino Pai Eterno. Trata-se de um momento forte de renovação da nossa fé e exercício da nossa vocação missionária por meio das pregações, do acolhimento e atendimento de confissões de tantos romeiros e devotos do Pai Eterno. O tema deste ano é inspirado na proclamação de Jesus Ressuscitado que diz: “eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5). Daí, escolhemos como tema uma prece: **“Pai Eterno, fazei novas todas as coisas”**. O caminho pedagógico do temário é muito simples. Trata-se de uma busca por essa necessária renovação em um tempo tão difícil como este que estamos atravessando. Precisamos recomeçar. De certa forma, continuamos a nossa reflexão em sintonia com o que refletimos no ano anterior sobre o tema da fraternidade: Pai Eterno, diante de vós, somos todos irmãos. Logo no primeiro dia, falaremos desta necessária passagem do individualismo tão presente e marcante entre nós à solidariedade e fraternidade.

A partir disso, nos propomos a fazer um caminho de renovação iluminados pelas virtudes cristãs. Isto para dizer que nosso recomeço tem um ponto de partida. Recomeçamos a partir de Deus pela fé, esperança e caridade. Mas, o recomeço exige de nós um empenho humano como resposta ao dom de Deus. Por



isso, para nos renovar como humanidade, é precisamos de prudência, compromisso com a justiça, a necessária temperança e a fortaleza que é a constância da fé.

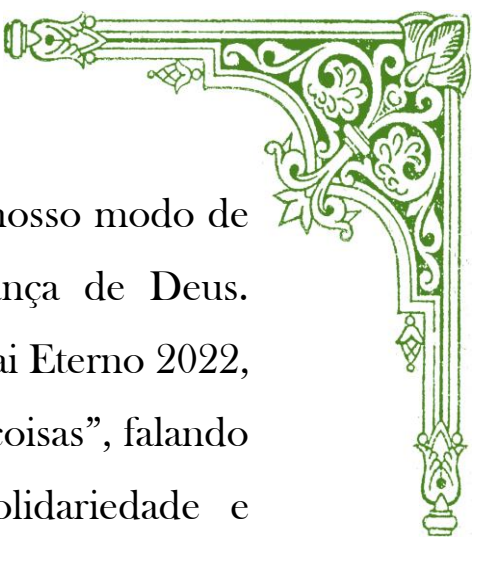

É importante dizer desde o início que o objetivo desta despretensiosa reflexão é simplesmente justificar cada subtema proposto. Logo, não se trata de uma “camisa de força” que impede ou limita a criatividade e o esforço de preparação de cada um, ao contrário, serve como um instrumento que poderá ampliar e facilitar a reflexão. Em seguida, estão as leituras bíblicas e uma pequena reflexão sobre cada subtema proposto. Boa romaria para todos nós.

3

PRIMEIRO DIA (24/06): DO INDIVIDUALISMO À SOLIDARIEDADE E FRATERNIDADE.

Neste primeiro dia da novena em louvor ao Divino Pai Eterno, fazemos a necessária retomada ao tema da romaria 2021: “Pai Eterno, diante de vós, somos todos irmãos”, inspirados pela encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco que continua sendo ainda muito atual e necessária. Neste Santuário, veneramos uma imagem que mostra a comunhão de um Deus que é relação: Pai, Filho e Espírito Santo. Isso é muito importante para compreendermos a necessária experiência de comunidade e solidariedade humana.



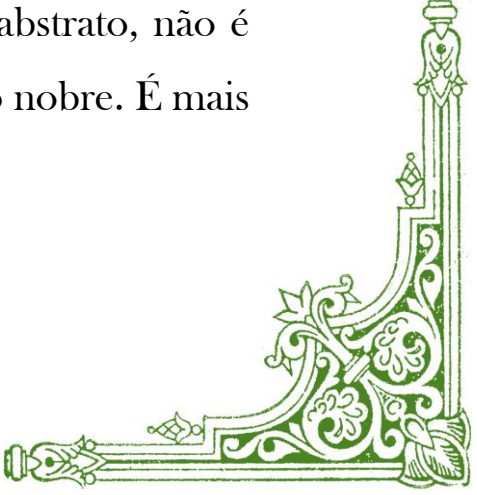



Afinal, a imagem do Deus que cremos modifica o nosso modo de ser e viver: fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Iniciamos nosso novenário da Romaria do Divino Pai Eterno 2022, cujo tema geral é: “Pai Eterno, fazei novas todas as coisas”, falando da necessária passagem do individualismo à solidariedade e fraternidade. A busca de uma humanidade renovada exige a superação do individualismo tão presente e forte em nosso meio. Sabemos que o individualismo não gera espírito solidário, ao contrário, ele usa do argumento falso sobre a liberdade para fazer prevalecer quem é mais forte sobre os mais fracos. Por isso, é urgente a redescoberta das relações fraternas para superar as rupturas do individualismo.



4

A humanidade inteira ainda sofre com as graves consequências da pandemia do coronavírus. Isso escancarou ao mundo a necessidade de cultivar a solidariedade e a fraternidade. Por isso, quando clamamos ao Pai Eterno que faça novas todas as coisas, estamos provocando a nós mesmos a observar se o individualismo ainda não prevalece em nossas ações. A renovação ou o recomeço passa por essa passagem do individualismo à solidariedade e fraternidade. A palavra “solidariedade” remete ao termo “sólido”, neste sentido, o seu significado indica a concretude. Portanto, solidariedade não é apenas um conceito abstrato, não é meramente uma ideia, não é somente uma aspiração nobre. É mais



que isso. Solidariedade diz respeito ao modo de ser no mundo da vida real, em nossas relações humanas do dia a dia.

O íntimo e espontâneo espírito humano de solidariedade nos leva ao cuidado uns com os outros. A solidariedade é, antes de tudo, um compromisso de fé. Devemos ser solidários porque primeiro Deus se fez solidário conosco. Os termos solidariedade e fraternidade podem ser traduzidos com a palavra empatia. Sobretudo, em tempos de pandemia, não é possível sonhar um mundo novo sem empatia. É preciso saber sentir a dor do outro e nos comprometer com a transformação de tal realidade. O individualismo não deixa espaço para a empatia. Para quem está contaminado com este mal do individualismo não importa a dor do outro. Por isso, é urgente esta passagem do individualismo à solidariedade e fraternidade.

No capítulo 25 do Evangelho de Mateus podemos encontrar uma importante chave de leitura para interpretar este tema do compromisso com quem sofre: servir aos pequenos é servir ao próprio Cristo: “estava com fome e me destes de comer, estava com sede e me deste de beber, era estrangeiro e me recebestes em casa, estava nu e me vestistes, estava doente e cuidastes de mim, estava na prisão e fostes me visitar”. E completa: “todas as vezes que fizestes isto a um dos menores dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes”. Portanto, não há outro caminho para o verdadeiro



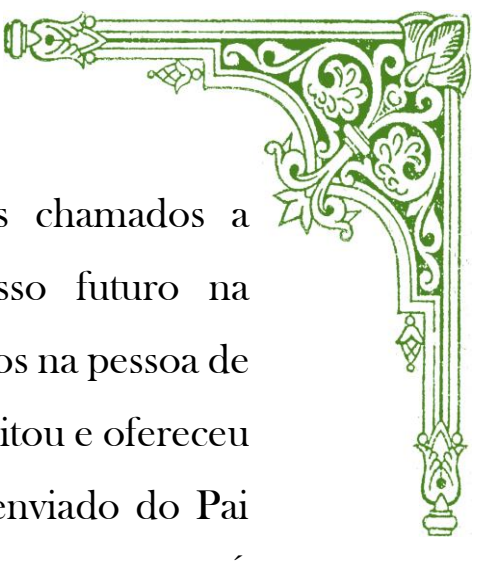
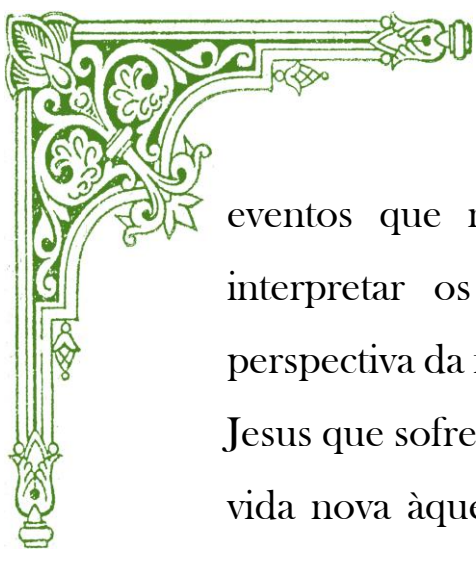
seguimento de Cristo a não ser o da solidariedade e fraternidade. É urgente que retomemos este compromisso.

SEGUNDO DIA (25/06): RECOMEÇAR A PARTIR DA FÉ.

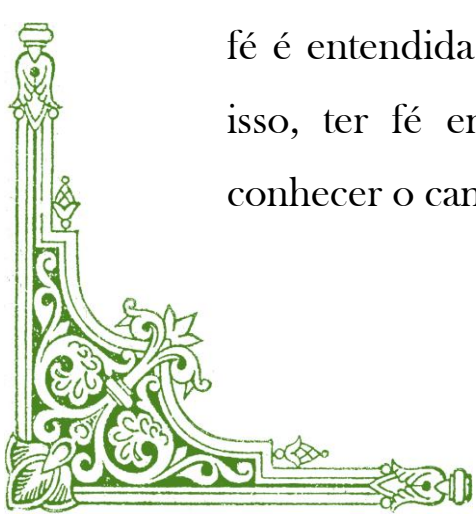
Recomeçar é próprio de quem crê. A fé é o princípio fundamental. Todas as demais virtudes pressupõem a fé. A fé, se coloca no coração da mensagem evangélica e é o elemento essencial na vida cristã. A fé é um dom de Deus, mas é um ato profundamente livre e humano. De um lado está Deus que se doa. Do outro, o ser humano que livremente aceita recebê-lo. Aqui, o objetivo não é nem tanto o de trabalhar as definições e conceitos sobre a virtude da fé. Antes, a questão de fundo é a pergunta que se intensificou durante o período da pandemia: “como crer em tempos de dificuldades?”. Crer quando tudo é favorável é fácil. A verdadeira fé é aquela que suporta os momentos de crise e incertezas. O Evangelista Lucas diz que o tempo da prova é o tempo oportuno para o testemunho da fé (cf. Lc 21,13). Sendo assim, descobrimos a importância da fé no enfrentamento dos difíceis e desafiadores tempos que vivemos as grandes provas acentuadas pela crise sanitária do coronavírus.

A fé não é uma ideia ou um mero sentimento. A fé é um dom de Deus que exige do ser humano uma adesão. Crer em Deus tem consequência direta no nosso modo de viver e interpretar os





eventos que nos rodeiam. Neste sentido, somos chamados a interpretar os eventos vividos e projetar o nosso futuro na perspectiva da fé cristã. Nossos olhos devem estar fixos na pessoa de Jesus que sofreu sua paixão e morte, mas que ressuscitou e ofereceu vida nova àqueles que nele creem. É Cristo vivo, enviado do Pai Eterno, que faz novas todas as coisas na força do seu Espírito. É neste sentido que devemos pensar: quantas pessoas receberam, através desta fé, a consolação e a força? É à luz dessa mesma fé que devemos continuar nossa missão no mundo. A missão não é fácil. Como os discípulos de Jesus, às vezes parece que iremos perecer: “Mestre, estamos perecendo, não te importas?” (Mc 4,38). Desde o princípio, Jesus é muito claro com os seus discípulos, na travessia para a outra margem, eles não estarão livres de situações adversas: ventos contrários e ondas violentas como símbolo do mal no mundo. Mas, Jesus tem autoridade sobre todo tipo de mal. Por isso, exorta duramente os seus discípulos a não deixarem o medo prevalecer e a ter fé: “por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” (Mc 4,40).



O apóstolo Paulo na carta aos Filipenses diz que considera tudo como perda diante do conhecimento de Cristo Jesus. Isso porque ele considera que a fé em Cristo é que nos justifica. A fé é entendida como adesão à pessoa e ao projeto de Cristo. Por isso, ter fé em Cristo significa viver como Jesus Cristo viveu, conhecer o caminho percorrido por Ele, aderir a Ele no sofrimento



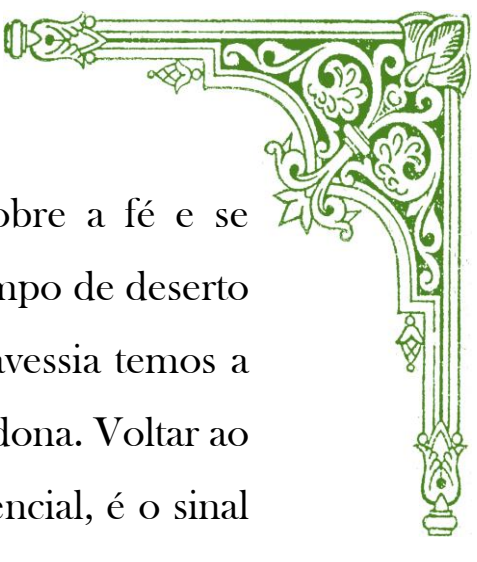
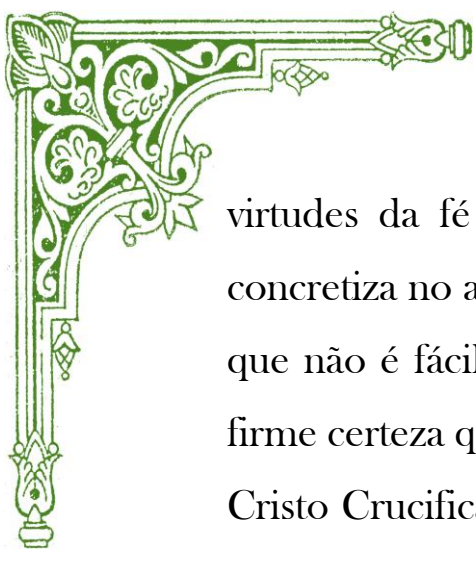
e na morte e nos abrir à esperança da ressurreição. Deixar o que ficou para trás e lançar-se para a frente. É esta a experiência de fé que precisamos fazer, unidos a Cristo Ressuscitado, ressignificar nossa existência e saber olhar para frente com esperança. Apesar de muitas vezes sentir na carne as dores do Cristo sofredor, mantemos a cabeça erguida para o horizonte. Esta é a força da fé. A fé é o fundamento da vida cristã. Por isso, recomeçamos firmes na fé, fixando nosso olhar em Jesus Cristo, Crucificado-Ressuscitado, razão da nossa fé. É unindo-nos a Ele que faremos a travessia necessária sem nos deixar afogar nas ondas do mal, do medo, da insegurança e das ameaças deste mundo.

8


TERCEIRO DIA (26/06): RECOMEÇAR NA ESPERANÇA.

A esperança, como virtude teologal, move o ser humano a desejar a salvação eterna e o reino de Deus como máxima forma de felicidade. Contudo, é importante frisar que a esperança cristã não é somente uma busca de felicidade após a morte. A Esperança Cristã é que dá vigor e razão de ser para todas as ações do nosso cotidiano. O difícil recomeço após sermos profundamente tocados por uma crise sanitária na proporção que é a pandemia do coronavírus é um forte convite a redescobrir a virtude cristã da esperança. A virtude da esperança está intimamente ligada às





virtudes da fé e do amor. Afinal, ela se funda sobre a fé e se concretiza no amor. O tempo da pandemia é um tempo de deserto que não é fácil de ser atravessado. Porém, nesta travessia temos a firme certeza que temos um Deus que não nos abandona. Voltar ao Cristo Crucificado-Ressuscitado é um elemento essencial, é o sinal por excelência da nossa esperança. Ele venceu todo mal, o último deles foi a morte. Ressuscitou e vive em nosso meio.



Na audiência geral do Papa Francisco em 23 de agosto de 2017, falando sobre o tema da esperança, ele assim se expressou: “a esperança cristã se baseia na fé em Deus que sempre cria novidade na vida do ser humano, cria novidade na história, cria novidade no cosmo. O nosso Deus, é um Deus que cria novidade, é o Deus das surpresas. Não é cristão caminhar com a cabeça baixa, como fazem os porcos: sempre vão assim, sem levantar os olhos para o horizonte”. Neste sentido, a esperança é este movimento que nos faz olhar para frente, mesmo em meio a tempos de crise, sem perder a serenidade, confiantes que venceremos assim como Cristo venceu. Esta esperança cristã não pode prescindir da solidariedade concreta e visível no cotidiano. É a esperança cristã que nos move para enfrentar as provas do dia a dia, é ela que nos sustenta nas desilusões. O apóstolo Paulo, escrevendo à comunidade dos romanos diz que “nós nos gloriamos até mesmo nas tribulações, sabendo que as tribulações geram firmeza, a firmeza gera a virtude provada, a virtude provada faz nascer a esperança e a esperança não



decepciona, porque o Senhor derramou o seu amor em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5,3-5).

O ser humano é chamado à esperança. A própria existência humana não pode resistir se vive no desespero. É a esperança que oferece sentido à vida. Mas, que leitura podemos fazer da esperança cristã neste momento da história? A fé cristã mostra como continuamente Deus acompanha a humanidade, mesmo nas condições adversas e desfavoráveis. O Deus da nossa esperança é cheio de compaixão. Certamente, era essa a certeza que nutriu Jairo, um dos chefes da sinagoga, a se prostrar diante de Jesus na esperança de salvar a sua filha que estava nas últimas. Igualmente, esta era a força que movia aquela mulher com hemorragias que por 12 anos sofria terrivelmente, que já havia se esgotado todo recurso humano, mas que viu em Jesus a possibilidade de ser curada ao tocar o seu manto. A verdadeira e grande esperança que pode superar toda desilusão só pode ser Deus que nos ama desde sempre e para sempre. Só quem é tocado pelo amor de Deus entende o que significa a esperança cristã. Nestes tempos de provas que estamos atravessando, é urgente passar do medo ao encorajamento, do vazio de sentido à uma verdadeira esperança, como diz a segunda carta de Pedro: “o que nós esperamos, de acordo com a sua promessa, são novos céus e nova terra, onde habitará a justiça” (2Pd 3,13).



QUARTO DIA (27/06): RECOMEÇAR PELO AMOR.

O amor é a fonte de todas as virtudes. São Paulo coloca a caridade como dom supremo, sem o qual, todos os outros se esvaziam e perdem o sentido. A vivencia desta virtude se exprime no amor a Deus que passa pelo amor ao próximo. Ultimamente se vê escancarado muito ódio, sobretudo, nas redes sociais. O cristão deve viver o amor teologal: neste aspecto, o amor ao próximo é um reflexo do amor que Deus mesmo nos dá. O amor teologal é muito mais do que um sentimento. O amor teologal é uma decisão. A decisão pelo amor teologal é irrevogável. Quem testemunha isso é o próprio Jesus: “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1). O amor teologal é também ilimitado. A exigência de Jesus é amar até mesmo os inimigos, porque ao amor não pode impor limites.

A virtude do amor cristão deve ser o motor que coloca em movimento todas as ações humanas. Jesus ensina que a modalidade permanente da vida cristã é o amor: “como o Pai me amou, assim também eu vos amei. Permaneci no meu amor” (Jo 15,9). E, em seguida, dá o seu mandamento novo e radical: “amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei. Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos” (Jo 15,12-13). O parâmetro do amor cristão é o próprio Jesus. Não basta qualquer amor, é preciso amar como



Jesus nos amou. Ele nos amou com um amor ilimitado e irrevogável, entregando-se para nos salvar. Amar, é dar a vida, é ser para o outro.

Podemos ainda fazer referência ao que Jesus ensina sobre o mandamento do amor ao próximo no Evangelho de Mateus. Jesus diz assim aos seus discípulos: “vós ouvistes o que foi dito: amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo! Eu porém vos digo: amai os vossos inimigos e rezai por aqueles que vos perseguem”. Inevitavelmente, a gente pode se perguntar: por que amar até mesmo os inimigos? Porque para Jesus, a exigência do amor é muito mais profunda. O amor deve ser sem limites. E este ensinamento de Jesus adquire autoridade justamente porque o que ele ensina é o que ele viveu. Ele amou a todos com um amor irrevogável, amou até o fim, mesmo aqueles que lhe fizeram o mal e tramaram contra ele. Porque o amor não pode voltar atrás, Jesus amou a todos mesmo na cruz. Cada um de nós precisa se perguntar: sou capaz de amar àqueles que me magoaram? Sou capaz de rezar pelos que desejam o mal para mim?

12

O Evangelho nos ensina que é esse amor sem limites que nos torna verdadeiramente filhos e filhas do Divino Pai Eterno. Quando somos capazes de amar como Cristo nos amou, assim estamos vivendo a nossa vocação de filhos e filhas de Deus. O nosso desafio é ser como Deus é em sua generosidade. Fazer o bem e amar sempre e a todos. Este deve ser o nosso distintivo. A exigência de Jesus é que procuremos viver o amor em todas as circunstâncias.



Nós somos interpelados a viver de acordo com o que acreditamos. Se cremos em um Deus que é amor, assim também devemos ser. Portanto, se nós professamos a fé em um Deus que é amor sem limite, mas não sabemos amar os irmãos também de modo ilimitado, nos tornamos um escândalo para a humanidade, pois não vivemos aquilo que dizemos crer.

QUINTO DIA (28/06): RECOMEÇAR NA PRUDÊNCIA.

13 → A virtude cristã da prudência é fundamentada nos princípios da fé e reside no intelecto humano, porque é ela quem julga e discerne o que é mais adequado para atingir o maior bem. A prudência é a virtude dos corajosos. A prudência tem a ver com a capacidade de pensar no futuro. É a prudência que nos ajuda a discernir as circunstâncias ao nosso redor e nos fazer decidir pelo bem. “O homem prudente controla os seus passos”, diz os Provérbios. É a prudência que nos dá a capacidade de olhar para frente, olhar para longe de prever e prover o ponto de chegada. Esta virtude é fundamental no processo de discernimento para cumprir de maneira correta as decisões importantes da vida. O imprudente é também inconsequente.

Na linguagem evangélica, o homem prudente constrói a sua casa sobre a rocha. Isto é, ele tem solidez, tem alicerce e raiz. O



prudente não está livre das circunstâncias adversas, no entanto, as circunstâncias adversas não o levam à ruína. Sobre quem é prudente e quem é imprudente, a chuva cai do mesmo modo, as ondas violentas e os ventos fortes virão igualmente. A diferença que o prudente soube lançar raízes profundas, enquanto que o imprudente constrói na superficialidade, por isso, seu fim é a ruína completa. Alguns dizem que a prudência é uma virtude esquecida. Afinal, segue cada vez mais ausente o chamado bom senso; entra cada vez mais em desuso a busca pela reflexão; é escassa a humildade dócil para escutar os conselhos dos que são mais experientes.

14 → A parábola das jovens prudentes e imprudentes do capítulo 25 de Mateus ilustra bem a característica de quem é prudente e de quem é inconsequente. Ali, Jesus enfrenta, pela última vez, o tema do Reino dos Céus que ele veio inaugurar. Dez jovens tomaram suas lâmpadas e “saíram ao encontro do noivo”. Cinco delas são imprudentes, o termo imprudente deve ser entendido no sentido de “sem juízo”. Isto nos coloca em paralelo com o capítulo 7 de Mateus que falava do homem sem juízo que constrói a casa sobre a areia como a figura daquele que ouve a Palavra mas não a coloca em prática. Com isso, entendemos que este grupo de jovens imprudentes representam o grupo daqueles que ouvem, mas não praticam os ensinamentos de Jesus, portanto, não farão o encontro sponsal com o Senhor.



Outras cinco eram prudentes. Em paralelo com o mesmo capítulo 7 de Mateus que nos leva a imaginar o grupo daquelas pessoas sábias, que tem discernimento, que ouvem e colocam em prática a Palavra de Deus se abrindo para as núpcias do Cordeiro. Neste sentido, a reflexão sobre a prudência está sintonia com a mensagem da vigilância que é clara nesta parábola do Evangelho. Isso nos ensina que, por mais que o espírito do cristianismo seja o de solidariedade, há coisas que somente a pessoa pode fazer por si: prudência, vigilância e abertura para o encontro com o noivo. Portanto, é urgente recuperar e cultivar a virtude da prudência. Somente através dela poderemos discernir e distinguir o bem do mal, o justo do injusto, o verdadeiro do falso.

SEXTO DIA (29/06): RECOMEÇAR A PARTIR DA JUSTIÇA.

É urgente falar sobre essa virtude da justiça: “bem aventurado os que têm fome e sede de justiça” (Mt 5,6). Sobretudo, em contexto de pandemia, onde houve quem usasse da dor do momento para tirar algum tipo de proveito para si mesmo. O tema da justiça é constante na Escritura Sagrada, não é o único, mas um dos grandes temas da mensagem bíblica. Atrelado a este tema, podemos aproximar a figura das viúvas, dos estrangeiros e dos órfãos, como



metáfora de dos fracos, daqueles que vivem na indignidade da dignidade humana e, por isso mesmo, carecem de justiça. É importante dizer que a palavra “justiça” na bíblia tem um significado mais amplo que uma mera equidade. Ela quer dizer, também, verdade e amor misericordioso. Logo, para que a justiça se realize plenamente ela precisa ser verdadeira e cheia de misericórdia.

A bíblia não para no conceito de direito legal, mas vai além, não se limita a seguir as leis. Merece que demos atenção às palavras do monge Enzo Biachi que diz: “a verdadeira justiça é aquela que escandaliza: Deus é justo, por isso é também amor e graça, é compaixão”. Por isso, Jesus no seu discurso inaugural, o sermão da montanha, exige dos seus discípulos uma justiça que supera a justiça dos mestres da lei e fariseus. Mas, como era a justiça farisaica? Era aquela meramente aparente, esvaziada de sentido profundo: “se a vossa justiça não superar a justiça dos mestres da lei e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus” (5,20). Ao falar de justiça é importante pensar na categoria dos profetas. Justamente porque a missão do profeta é dar voz a quem não tem suas vozes escutadas: Deus e o fraco. Infelizmente, nos tempos contemporâneos, mesmo no interior da comunidade eclesial ha um escasso interesse pelo carisma profético, parece que, em certos casos a profecia seja supérflua, e até mesmo superada e, tida até mesmo como inoportuna. “O profeta é um promotor da justiça lá onde a justiça é sufocada”, diz o professor italiano Pietro Bovati. O profeta



é um instrumento de transformação da sociedade porque a sua palavra toca o coração, ilumina a mente e torna capaz a obediência à vontade de Deus que é o “fazer justiça”.

Os profetas veem a injustiça escondida, veem o mal oculto por trás das cortinas da aparente legalidade. A injustiça, segundo a profecia, é por natureza, praticada no oculto. Se fosse às claras, todos reagiriam vendo o mal que estaria diante de si. Por isso, cultivar a virtude da justiça nos faz ter o devido cuidado com a manipulação: a injustiça sempre é disfarçada. Não nos esqueçamos, também, do grande e iminente risco da injustiça revestida de um discurso religioso; quem cultiva a virtude da justiça está atento ao risco do “prudente silêncio”, como diz a Escritura: “quando o sábio se cala, eis o é tempo de desgraça” (Am 5,10-13).

17

SÉTIMO DIA (30/06): RECOMEÇAR COM TEMPERANÇA.

A temperança toca uma dimensão íntima do ser humano. A temperança faz com que o ser humano olhe para si mesmo. Temperança vem do termo grego *enkrateia* tem a ver com autoridade, poder e governo (*kratos*) + em si mesmo (*en*). Portanto, é a capacidade de governar a si mesmo, de controlar os próprios impulsos. Temperança tem a ver com o que diz Paulo quando escreve à comunidade de Corinto: “tudo é permitido, mas nem tudo



convém. Tudo é permitido, mas nem tudo edifica” (1Cor 10,23). Quem alimenta a virtude da temperança sabe discernir o que convém e o que edifica. Vivemos em um tempo de destemperos, há muita gente destemperada em seu comportamento. É urgente falar e exercitar a virtude da temperança. É com a temperança que se vence o espírito de agressividade. Só com temperança podemos ter um agir lúcido, não ofuscado pelas paixões. Quem é destemperado é perigoso, e nele não se pode confiar.

No Evangelho de Lucas Jesus fala a seus discípulos para tomar cuidado para que os seus corações não se tornem insensíveis e pede para que orem e a todo momento para escapar de tudo que vai acontecer e mesmo assim, permanecer de pé (cf. Lc 21,34-36). A princípio, o Evangelho de Lucas (21,25-28.34-36), parece uma ameaça, uma catástrofe, algo que nos coloca medo. Na verdade é o contrário. Jesus está usando a linguagem dos profetas para falar da chegada do dia do Senhor. Quando Jesus fala destes sinais no sol, na lua e nas estrelas, fala do pavor do barulho do mar e das ondas, das forças do céu que serão abaladas, Jesus está falando das potências deste mundo que serão vencidas e um novo tempo começará. Por isso, essa expressão forte: “verão o Filho do Homem, vindo numa nuvem com grande poder e glória”. O Evangelho enaltece a força e a glória do Filho do Homem. Por isso, o Filho de Deus vence todas as outras forças do mal, com a inauguração do reino de Deus, todo regime de poder dos poderosos que



governavam e exploravam é destruído. Portanto, não é uma mensagem de medo, mas uma mensagem de esperança, o Filho de Deus, Jesus, vence todo o império do mal.

Essa mensagem de esperança é confirmada com as palavras do próprio Jesus: “quando estas coisas começarem a acontecer, levantai-vos e erguei a cabeça, porque a vossa libertação está próxima”. Portanto, com a vinda do dia do Senhor em nossa vida, vem também a libertação da humanidade. Quem cultiva a temperança, é capaz acolher essas palavras de Jesus: levante-se, erga a cabeça, está próxima a tua libertação. Quem cultiva a virtude da temperança é capaz de criar harmonia interior. Poderíamos, também, traduzir essa harmonia interior como moderação. O temperante tem sensibilidade para perceber a presença de Deus em sua vida. Por isso, não age por impulso, mantém-se vigilante. É isso que pede o Evangelho: “ficais atentos e orai a todo momento, afim de terdes força para escapar a tudo o que deve acontecer e para ficardes de pé diante do Filho do Homem”. A temperança não nos deixa perder vista o Senhor.



OITAVO DIA (01/07): RECOMEÇAR COM FORTALEZA.

Dia dedicado a Vila São José Bento Cottolengo

“Tudo posso naquele que me fortalece” (Fl 4,13). A virtude da fortaleza é de absoluta importância. Sobretudo, nas circunstâncias que vivemos de tantas dores, inseguranças e medos. Esta virtude não tem relação com a arrogância como se pode pensar. Nem mesmo com um poder para dominar os outros. Trata-se da constância à procura da realização do bem do Evangelho. Como diz são Paulo: “quando sou fraco, aí é que sou forte” (2Cor 12,10). A fortaleza tem a ver com a fidelidade a serviço do reino. É a virtude da fortaleza que não permite que o cristão traia os seus ideais. A fortaleza tem a ver com a busca de viver a coerência da fé testemunhando-a a cada dia da vida. Mesmo na dificuldade, é essa a virtude de que nos assegura a firmeza e constância em vista do bem. A fortaleza é a capacidade de resistir mesmo diante das tentações e superar os obstáculos do mal.

Pela virtude da fortaleza adquirimos a firmeza necessária para atravessar as adversidades da vida sem perder a serenidade. O capítulo 7 do Evangelho de Mateus ilustra bem essa realidade: suportar as chuvas, tempestades e ventos contrários e permanecer de pé. Não é pelo fato de termos fé em Deus que estamos livres das adversidades. No entanto, quem é imbuído por esta virtude,



persevera até o fim. A virtude da fortaleza é a decisão de resistir aos obstáculos e permanecer fiel. Jesus foi um homem forte: resistiu às perseguições, à humilhação, às ameaças, ao mal e até mesmo à morte de cruz. Foi capaz de passar por tudo isso e permanecer constante, fiel ao seu ideal de em tudo realizar a vontade do Pai Eterno.

A virtude da fortaleza é que nos permite viver a abnegação e o sacrifício da própria vida para defender as razões da fé: “no mundo tereis tribulações. Mas, tende fé, eu venci o mundo” (Jo 16,33). Desse modo, fica claro que a virtude da fortaleza é iluminada e evidenciada em um contexto da fé cristã. Trata-se da firmeza e constância em busca de realizar o bem do Evangelho. Pela virtude da fortaleza, entendemos e ressignificamos a luta que nos acompanha todos os dias. O Catecismo da Igreja Católica diz que “a fortaleza é a virtude dá capacidade para vencer o medo, mesmo da morte, e enfrentar a provação e as perseguições” (n. 1808). Na Igreja, essa virtude é testemunhada, sobretudo, através do martírio, onde o cristão permanece constante, coerente com a fé que o inspira até o fim.



NONO DIA (02/17): DO ISOLAMENTO AO ENCONTRO.

Concluimos o nosso novenário falando da necessária passagem do isolamento ao encontro. A pandemia nos forçou a viver esta dura experiência do isolamento e o distanciamento social que tanto escutamos nos últimos anos e que eram necessários como medida sanitária de enfrentamento da Covid 19. Mas, essa realidade não pode ser uma constante. O risco é que isso nos leve a um fechamento em nós mesmos de modo que não criemos comunhão. É preciso criar relações que aquecem o coração humano. Não é possível uma verdadeira renovação cristã sem o cultivo da cultura do encontro. Sair do isolamento não é uma tarefa fácil. Sobretudo, quando se o tem como um valor. Este tema é urgente, não há como viver a nossa fé no isolamento. Nossa fé é essencialmente comunitária. Cremos em um Deus que é comunhão de pessoas, que é relação de amor. Portanto, também nós precisamos criar vínculos de comunhão fraterna.

22

A primeira carta de João ilustra bem isso: “nisto conhecemos o amor: Jesus deu sua vida por nós. Portanto, também nós devemos dar a vida pelos irmãos” (1Jo 3,16). O isolamento, enquanto fechamento do coração, como ilustra a carta de João, nos leva à falta de compaixão. A verdadeira experiência de encontro nos faz comprometer com a empatia: “se alguém possui riquezas neste mundo, vê o seu irmão passar necessidade, mas diante dele fecha o



coração, como pode o amor de Deus permanecer nele?” (1Jo 3,17). O salmista fala da beleza do encontro: “vinde e vede como é bom, como é suave os irmãos viverem juntos, bem unidos” (Sl 132). Se olhamos a vida e missão de Jesus, percebemos tantos encontros que ele teve ao longo do caminho. O primeiro encontro é justamente a Encarnação do Verbo, Deus que vem ao encontro da humanidade, assume a nossa história; além disso, Jesus se encontra com tantas outras pessoas. E estes encontros sempre são transformadores.

O Papa Francisco tem insistido muito nessa cultura do encontro, dizendo que precisamos caminhar juntos, mesmo com nossas diferenças. Aliás, nossas diferenças não podem ser fonte de ameaça, ao contrário, é fonte de beleza e fecundidade. Por isso, diferentes, mas unidos na mesma comunhão de amor. A oração de Jesus ao Pai no capítulo 17 do Evangelho de João evidencia essa preocupação do mestre com seus discípulos: viver a unidade. Assim clama Jesus ao Pai: “eu te rogo para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti” (Jo 17,20). E mais, o Evangelho deixa claro que essa comunhão se torna a condição para que o mundo creia que Jesus é o enviado do Pai. Portanto, viver no isolamento, entendido como fechamento do coração, e comprometer a força da nossa fé. Busquemos ser uma humanidade renovada abrindo-nos para a bonita experiência do encontro que nos faz irmãos diante do Pai Eterno.



SOLENNIDADE (03/07): PAI ETERNO, FAZEI NOVAS TODAS AS COISAS.

Chegamos ao grande dia da festa solene em louvor ao Divino Pai Eterno, neste dia, com os corações cheios de confiança, clamamos: “Pai Eterno, fazei novas todas as coisas”. Esta prece é fundamentada na expressão de Cristo Crucificado-Ressuscitado no livro do Apocalipse de São João. Nessa expressão de Jesus está também a nossa esperança em um novo céu e uma nova terra. Deus não é indiferente à dor e sofrimento da humanidade, Ele age em favor do seu povo. Em Cristo Ressuscitado, o Pai Eterno faz novas todas as coisas. Assim, podemos ressignificar todo nosso sofrimento e todas as inseguranças do tempo presente pela fé em Deus que enxuga toda lágrima dos olhos (cf. Ap 21,4).

Apesar de toda dor dos últimos tempos, causada pela pandemia e por outras razões, mantemos nossa cabeça erguida, por que sabemos que o Pai Eterno está conosco. Por isso, cremos que um novo céu e uma nova terra são possíveis. Desse modo, “a morte não mais existirá, não haverá luto nem choro, nem dor, porque o que havia antes passou” (Ap 21,4). Afinal, Jesus, aquele que está sentado no trono diz: “eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5). Igualmente, o profeta Isaías ensina que toda vez que o povo passa pelas provações, Deus intervém para lhe dar esperança. Por isso, o profeta recorda o povo os feitos do Senhor em seu favor. Ajuda o



povo a olhar pra frente com entusiasmo, não ficar preso às experiências traumáticas do passado: “não olheis para os fatos antigos. Eis que eu farei coisas novas” (Is 43,19). O profeta encoraja as pessoas a, mesmo em tempos difíceis, ver a novidade de Deus que germina, afinal, ele faz brotar água no deserto e rios na terra seca.

No Evangelho, Jesus fala da necessária renovação: “vinho novo em odres novos” (Mc 2,22). Mas, isso exige também um comprometimento nosso em transformar a nossa realidade. O apóstolo Paulo, escrevendo aos Romanos, apresenta essa necessidade: “não vos conformeis com o mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e de julgar, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus” (Rm 12,2). A nova humanidade que esperamos é fruto da bondade do Pai Eterno, mas, também, é esforço da parte da humanidade em fazer essa transformação na maneira de pensar e julgar, a nossa renovação consiste em não nos conformar com os esquemas deste mundo. Por isso, o apóstolo Paulo oferece aos Romanos um caminho com gestos concretos para uma humanidade renovada: o zelo, a diligência, o fervor de espírito, serviço ao Senhor, força na tribulação, a hospitalidade entre outros. Portanto, somos os agentes de transformação, na linguagem de Jesus: “vós sois o sal da terra” (Mt 5,13) e “vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14). Depois de tanto tempo de sofrimento causado pela pandemia, somos chamados a participar



da obra do Pai Eterno em renovar a humanidade, nos esforçando em dar sabor ao que realizamos e ser sinal de luz em um mundo de tanta escuridão.

**SEGUNDA DEPOIS DA FESTA (04/07): PELA
RESSURREIÇÃO DE CRISTO, O PAI ETERNO FAZ NOVAS
TODAS AS COISAS.**

Neste dia, recordamos nossos irmãos(ãs), romeiros já falecidos e que agora, afirmamos pela fé, contemplam a face do Pai Eterno de modo definitivo. Ao trazer à memória estas pessoas, recordamos que o destino da nossa vida é o coração do Pai. Nem a morte prevalece sobre nós. Pela Ressurreição de Cristo, o Pai Eterno faz novas todas as coisas. O Evangelho sugerido para essa celebração nos narra a visita das mulheres ao sepulcro e o anúncio da ressurreição de Jesus. trata-se de um corajoso testemunho da vitória de Jesus Cristo sobre a morte. Aquele que parecia ter fracassado por meio da morte na cruz, triunfa glorioso pela ressurreição. Era bem cedo, ao nascer do sol. Não era totalmente dia, mas também não era totalmente escuridão, já era a autora. Essa indicação temporal é muito importante, indica a situação da comunidade cristã: ainda não tinham compreendido a dimensão da ressurreição, por isso, procuravam o corpo de Jesus, estavam ainda



na escuridão. Contudo, mesmo que elas buscassem Jesus no túmulo, ele já não estava lá, já tinha ressuscitado, isto é, Ele era a aurora, o raio de luz que surgia e rompia com a escuridão.

Estas mulheres caminham sem esperança, estão desoladas, sua preocupação central é o sepulcro que está fechado e dentro dele está o corpo de Jesus que elas queriam ungir. Mas, elas são surpreendidas, ao chegar, encontram a pedra que fechava o sepulcro rolada para o lado, o sepulcro aberto, entram nele e veem um jovem sentado e vestido de branco. Procuravam um cadáver, mas ele não estava lá. Certamente, esta cena causou ainda mais desespero naquelas mulheres que queriam ao menos ungir o corpo de Jesus. por isso, aqueles homens de branco que ali estão dizem às mulheres: “Por que estais procurando entre os mortos aquele que está vivo? Ele não está aqui. Ressuscitou! Lembrai-vos do que ele vos falou, quando ainda estava na Galileia: ‘O Filho do Homem deve ser entregue nas mãos dos pecadores, ser crucificado e ressuscitar ao terceiro dia” (Lc 24,6).

Aqueles homens fazem às mulheres, que representam a comunidade cristã, um convite à confiança, anunciando explicitamente a ressurreição de Jesus, o crucificado. Estes homens ajudam aquelas mulheres a entender que o aparente fracasso da morte na cruz deu lugar à nova esperança de vida abundante: o crucificado Ressuscitou. Também hoje, assim como aquelas mulheres, vivem desanimados, tristes e sem esperança. Por isso, a



cada pessoa que está desanimada, estes homens vestidos de branco dizem: não tenhais medo! Coragem! Ele não está aqui, ressuscitou! A vida venceu a morte. Renovemos nossa esperança. Cristo vive. O apóstolo Paulo, na carta aos Romanos, também ajuda a refletir este tema fundamental: “pelo batismo, na sua morte fomos sepultados com Ele, para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós levemos uma vida nova” (Rm 6,4).

Pe. João Paulo Santos de Souza, CSsR

Reitor do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno

